

# **Jornalismo Ambiental na Rede de Notícias da Amazônia: estudo da cobertura jornalística sobre a Hidrelétrica de Belo Monte<sup>1</sup>**

**Antonia Costa da Silva<sup>2</sup>**

## **1 INTRODUÇÃO**

Com o tema “Jornalismo Ambiental na Rede de Notícias da Amazônia: estudo da cobertura jornalística sobre a Hidrelétrica de Belo Monte” nos propomos a estudar como a Amazônia é interligada pela notícia através da Rede de Notícias da Amazônia - RNA. Pretendemos refletir se a postura dessa Rede corresponde de fato aos princípios básicos da orientação do jornalismo ambiental. Atualmente a RNA tem dois programas radiofônicos: O jornal “Amazônia é Notícia” e programa de educação ambiental, denominado “Caminhos da Amazônia.”

Quando o assunto é a Amazônia, normalmente, as pessoas pensam logo na grave questão ambiental: devastação das florestas, ameaças à biodiversidade e ao seu patrimônio natural. Porém, está associada a situações humanas e questões sociais preocupantes, como indígenas perturbados em seu espaço e agredidos em suas culturas; crescimento caótico dos grandes centros urbanos; conflitos sociais por causa da disputa pela posse das terras; iniciativas inadequadas ao ambiente.

Nesse sentido, o desmatamento da Amazônia é um tema relevante para os brasileiros porque, além da importância que esta floresta tem para o mundo, ela está localizada em nosso território e sofremos sazonalmente as pressões da comunidade internacional quanto à sua preservação.

Quando destruírem o Rio Xingu, poluírem suas águas, derrubarem a floresta e provocarem a extinção de espécies animais e vegetais para, como dizem, garantir o fornecimento de energia "limpa" e barata, o que vão fazer quando essa energia já não for suficiente? Provavelmente novas barragens, mas até quando? Até ainda existirem rios vivos?

Pelo fato da Amazônia ser uma região de difícil acesso pela sua extensão geográfica, há lugares em que o rádio ainda é um único meio de comunicação social utilizado pelos seus habitantes. E muitas emissoras nessa região estão ligadas a grupos partidários ou de algum

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Seminário de Tese da Linha de Pesquisa: Linguagem e Práticas Jornalísticas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos - São Leopoldo, RS, outubro de 2013. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Christa Berger.

<sup>2</sup> Doutoranda do POSCOM - Unisinos, e-mail: minterantonia@gmail.com.

político diretamente. A Rede de Notícia da Amazônia interliga Rádios populares/comunitárias ou educativas; muitas delas ligadas à Igreja Católica, através das Dioceses.

Nesse sentido, as questões que nortearão a pesquisa ora proposta são: como os jornalistas da Rede de Notícias da Amazônia produzem conteúdo de qualidade e de interesse dos ouvintes que moram na Amazônia legal? De que forma os programas veiculados pela RNA priorizam de fato o jornalismo ambiental, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável? Como é valorizado o ponto de vista dos lutadores sociais dessa região? Há interesse de valorizar as culturas dos e das amazônidas? A informação, a linguagem chega do jeito que o ouvinte quer ouvir? Como os ouvintes contribuem na produção das notícias veiculadas? O Jornalismo ambiental é o carro chefe na hora da elaboração e execução das pautas dos programas veiculados na RNA? Quais são as vozes predominantes na cobertura das pautas que tratam da Hidrelétrica de Belo Monte?

O projeto da Rede de Notícias da Amazônia propõe ser um instrumento diferenciado entre os povos da Amazônia com notícias educacionais, culturais, ambientais e de gênero para estimular a formação da consciência crítica e participativa dos e das ouvintes da região. Pretende ser também um instrumento de comunicação democratizada na Amazônia, priorizando o ponto de vista dos protagonistas sociais, que tem como suas fontes de informação.

Embora haja outros meios de comunicação, como a televisão e a internet, o rádio ainda não perdeu a sua característica principal: a capacidade de ser imediato na divulgação dos acontecimentos, sem a necessidade de envolver muitos equipamentos e recursos humanos. Pensando nestas e em outras vantagens, pretendemos averiguar a influência desse meio de comunicação na aprendizagem, no processo cultural dos Povos Indígenas e migrantes que habitam na Amazônia Legal.

Portanto, nosso objetivo geral será de verificar de que forma os princípios básicos de orientação do Jornalismo Ambiental são respeitados na produção das notícias na Rede de Notícias da Amazônia. E os específicos: averiguar se a comunicação radiofônica da Rede de Notícias da Amazônia contribui na democratização da comunicação na Amazônia. Analisar se a Rede de Notícias da Amazônia contribui nos novos rumos do Rádio na Amazônia Legal e se cria possibilidades de revitalização dos valores étnicos e de cidadania dos Povos Indígenas e dos migrantes dessa região.

## **2 JORNALISMO AMBIENTAL**

As principais coberturas jornalísticas específicas sobre o meio ambiente após a Segunda Guerra Mundial, momento em que a ecologia ganhou força como tema de relevância mundial. Inicialmente nos países desenvolvidos e, na década de 1980, principalmente após a Conferência Rio 92, nos países subdesenvolvidos.

O termo Jornalismo Ambiental é conceituado como a especialização da profissão jornalística nos fatos relativos ao meio ambiente, à ecologia, à fauna, à flora e à natureza em geral, sobretudo, no que se refere às consequências de iniciativas de desenvolvimento no meio ambiente e na biodiversidade.

Conforme Bueno (2007) o jornalismo ambiental passa por um processo de amadurecimento. Acredita que o conceito deste jornalismo tem que ter seu próprio significado.

O jornalismo ambiental por um conceito, que extrapole e do jornalismo científico tradicional (comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica que tem privilegiado a continuidade das suas pesquisas, sem contextualizar as suas repercussões), que não se confunda, em nenhuma hipótese com o jornalismo econômico (impregnado pelo canto de sereia do modelo agroexportador, da revolução tecnológica a qualquer preço e da apologia das aplicações rentáveis do capital financiado) e que não se apoie no jornalismo cultural, quase sempre tipicado pelo diálogo surdo das elites. (BUENO, 2007).

Para Bueno (2007), o jornalismo ambiental desempenha inúmeras funções, mas destaca três funções básicas: 1) a função informativa; 2) a função pedagógica e 3) a função política.

Ele diz que a função informativa preenche a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental, considerando o impacto que determinadas posturas (hábitos de consumo, por exemplo), processos (efeito estufa, poluição do ar e água, contaminação por agrotóxicos, destruição da biodiversidade, entre outros.) e modelos (como o que privilegia o desenvolvimento a qualquer custo) tem sobre o meio ambiente e, por extensão, sobre a sua qualidade de vida.

Já a função pedagógica diz respeito à explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais e à indicação de caminhos (que incluem necessariamente a participação dos cidadãos) para a superação dos problemas ambientais.

Quanto à função política, Bueno (2007) (aqui entendida em seu sentido mais amplo e não obviamente restrita à sua instância meramente político-partidária) tem a ver com a

mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental.

A primeira organização de jornalismo ambiental surgiu na França. Em 1968, a UNESCO organizou em Paris a Conferência sobre a Biosfera<sup>3</sup>. Logo após esta Conferência foi realizado os relatórios do Clube de Roma.<sup>4</sup> O clube divulgou em 1972, o relatório Os Limites do Crescimento, onde foi lançado um debate mundial, sobre o questionamento do futuro da humanidade.<sup>5</sup>

Em junho 1972 foi realizada em Estocolmo, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente. Dessa Conferência saiu a Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano, o documento relata “necessidade de um critério e princípios comuns que ofereçam aos povos do mundo inspiração e guia para preservar e melhorar o meio ambiente humano” (ANTONIO, 2008). O documento contém 26 princípios sobre a preservação do meio ambiente.

O princípio 14 da legislação, o planejamento racional constitui um instrumento indispensável para conciliar as diferenças que possam surgir entre as exigências do desenvolvimento e a necessidade de proteger e melhorar o meio ambiente. (ANTONIO, 2008).

A partir dessa iniciativa, começou a surgir no cenário mundial diversas instituições e grupos que ergueram a “bandeira” de defesa do meio ambiente, países europeus, entre eles: França, Dinamarca, Alemanha, Noruega e outros, estabeleceram novas regras nas legislações ambientais.

No ano de 1980, a Organização das Nações Unidas – ONU convocou a Comissão Mundial para Assuntos do Meio Ambiente e Desenvolvimento- CMMAD e foi elaborado um relatório sobre a qualidade do meio ambiente de abrangência mundial: Relatório Nosso Futuro Comum, conhecido também como Relatório Brundtland onde definiu em 1987 o conceito de desenvolvimento sustentável como aquele que “atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade de as futuras gerações terem suas próprias necessidades atendidas.” Portanto, cada vez mais se tem consciência da necessidade de se usar maneiras de preservar os recursos ambientais, assim como formas alternativas de desenvolvimento com

---

<sup>3</sup> Primeira reunião intergovernamental a tentar reconciliar a conservação e o uso dos recursos naturais, o que chamamos hoje de sustentabilidade.

<sup>4</sup> O objetivo do grupo era dialogar e analisar o crescente aumento econômico devido aos recursos naturais utilizados pelas empresas industriais.

<sup>5</sup> As principais conclusões foram relacionadas aos problemas da humanidade com a industrialização acelerada, o rápido crescimento demográfico, a escassez de alimentos, o esgotamento de recursos não-renováveis e a deteriorização do meio ambiente.

preservação ambiental, principalmente após a Segunda Guerra Mundial (CMMAD, 1988, p.78).

Em junho de 1992 é outro marco da história no âmbito das questões ambientais, quando aconteceu no Rio de Janeiro, Brasil, a Conferência Geral das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como ECO-92 ou Cúpula ou Cimeira da Terra.

[...] reafirmando a declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, *aprovada em Estocolmo nela se baseando. Com o objetivo de estabelecer uma aliança mundial nova* equitativa mediante a criação de novos níveis de cooperação entre estados; setores-chaves da sociedade e as pessoas. Procurando alcançar acordos internacionais em que se respeitem os interesses de todos e se proteja a integridade do sistema ambiental e de desenvolvimento mundial, reconhecendo natureza integral e interdependência da terra, nossas moradas. (ANTONIO, 2008).

A ECO-92 resultou em dois importantes documentos: Carta da Terra<sup>6</sup> (Declaração do Rio) e a Agenda 21.<sup>7</sup>

Em junho de 2012, o Brasil foi sede da Conferência da ONU - Organização das Nações Unidas, a Rio+20 que tratou do tema: Desenvolvimento Sustentável. Paralelamente foi realizada a Cúpula dos Povos, no Aterro do Flamengo.

### **3 REDE DE NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA: vozes amazônidas através do Rádio**

A Rede de Notícias da Amazônia - RNA - é uma associação de emissoras de rádio dentro da região amazônica. O projeto propõe ser instrumento diferenciado de contato entre os povos da Amazônia, com notícias, programas educacionais, culturais, ambientais e de gênero para estimular a formação da consciência crítica e participativa de todos os ouvintes, bem como ser instrumento de comunicação democratizada na Amazônia, priorizando o ponto de vista dos protagonistas sociais, a partir das fontes fidedignas de informação. Ainda propõe produzir conteúdo de qualidade e de interesse dos estados da Amazônia legal.

Como é possível fazer com que um veículo de comunicação chegue tão longe, com fatos e histórias de tanta gente diferente? Com informação do jeito que o ouvinte quer ouvir. Produzir conteúdo de qualidade a partir de coberturas jornalísticas na Região Amazônia

<sup>6</sup> A carta envolve questões éticas perante a sociedade tais como: integridade ecológica, justiça social, econômica e democracia, não-violência e paz para obter uma sustentabilidade.

<sup>7</sup> Agenda 21 possui 40 capítulos e trata de dimensões econômicas e sociais, entre elas, a busca de uma política internacional que possa ajudar no desenvolvimento sustentável nos países em desenvolvimento. Apresenta também os diferentes enfoques para a proteção da atmosfera e para a viabilização da transição energética.

Legal.<sup>8</sup> Esse é o desafio que move A Rede de Notícias da Amazônia - RNA. Trazer um recorte da história da RNA é buscar a sua trajetória através das pessoas que fazem parte do projeto e recontar o que já está escrito nos seus relatórios e site oficial. E iniciamos destacando o que diz o site:

Como a história é dinâmica e novos atores surgem ao longo de tempo, fazemos aqui um registro e apresentação de um projeto de emissoras em rede na Amazônia, em vista de manter uma ligação contínua entre sua origem e a continuidade do processo, que pretende ser um serviço ao cultivo dos valores legítimos dos povos da imensa Amazônia, através do meio Rádio.<sup>9</sup>

No site há todo um relato histórico da RNA, onde diz que 2004 já se falavam de rede de TV, rede de emissoras, mas na Amazônia as redes tanto de rádio como de televisão vinham de fora, seus troncos e geradores eram externos, com pontos de vista e ideologias de fora da região. As informações sobre a Amazônia têm sido filtradas pelos interesses dos de fora e muitas vezes chegam aqui deturpadas, negativas. Ao mesmo tempo chegam avalanches de jornalistas estrangeiros em busca de informações sobre as riquezas, os problemas ambientais na região e a crise do planeta, já que a Amazônia é considerada o pulmão do mundo, por alguns; para outros é um poço de riquezas a serem exploradas. O mundo tem interesses vários sobre a Amazônia, como também as empresas transnacionais e do sul do país.

Portanto, continua o relatório, foi neste clima que naqueles anos 2003/04 a Rádio Rural<sup>10</sup> tentava fazer um contraponto a essa avalanche de informações de fora para dentro,

---

<sup>8</sup> Em 1953, através da Lei 1.806 de 06.01.1953 (criação da SPVEA), foram incorporados à Amazônia Brasileira, o Estado do Maranhão (oeste do meridiano 44°), o Estado de Goiás (norte do paralelo 13° de latitude sul atualmente Estado de Tocantins) e Mato Grosso (norte do paralelo 16° latitude sul). Com esse dispositivo legal (Lei 1.806 de 06.01.1953) a Amazônia Brasileira passou a ser chamada de Amazônia Legal, fruto de um conceito político e não de um imperativo geográfico. Foi a necessidade do governo de planejar e promover o desenvolvimento da região. Em 1966, pela Lei 5.173 de 27.10.1966 (extinção da SPVEA e criação da SUDAM), o conceito de Amazônia Legal é reinventado para fins de planejamento. Assim pelo artigo 45 da Lei complementar nº 31 de 11.10.1977, a Amazônia Legal tem seus limites ainda mais estendidos. Com a Constituição Federal de 05.10.1988, é criado o Estado do Tocantins e os territórios federais de Roraima e do Amapá são transformados em Estados Federados (Disposições Transitórias art. 13 e 14).

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.rededenoticiasdaamazonia.com.br/historia.asp>. Acesso em 16 mar. 2013.

<sup>10</sup> A Rádio Rural Santarém, é uma concessão de radiodifusão feita pelo Governo Brasileiro à Diocese de Santarém. A emissora é entidade da sociedade civil, intitulada Rádio Emissora de Educação Rural Santarém Ltda., com sede e foro em Santarém, Estado do Pará, fundada no dia 31 de maio de 1960 e inaugurada no dia 05 de julho de 1964, sob a direção inicial de Frei Juvenal, Nestor e Osmar Simões. O acontecimento se tornou um marco da comunicação na Amazônia. Surgia um instrumento pelo qual os amazônidas podiam trocar recados, homenagear seus familiares ou amigos, receber informações e principalmente, aprender a ler. **Missão:** Democratizar a comunicação radiofônica na Amazônia, para que a população regional possa adquirir consciência crítica e cidadã diante da vida pessoal, familiar e na sociedade. **Visão:** A visão de mundo da emissora é a de um mundo onde as pessoas sejam solidárias, lutem por dignidade sua e dos outros e que a vida esteja acima de qualquer outro valor terreno. **Valores:**- Ética na comunicação e nas relações humanas dentro e fora da emissora - Educação à Cidadania em seus programas:- Evangelização libertadora;- Prioridade ao ouvinte. A Rádio Rural, inspirada pelo espírito educador de Dom Tiago Ryan, tornou-se instrumento pedagógico, usado pelo Movimento de Educação de Base (MEB) para alfabetizar e dar os cinco anos primários a milhares de jovens e adultos do

com informações de dentro para sua audiência e outras emissoras da região mais comprometidas com a população. Então surgiu uma ideia, que naquele momento parecia um sonho ilusório para alguns. Ao trocar ideias com algumas pessoas da Rádio Rural se sentia o sorriso meio irônico, a dizer que se estava sonhando demais. Acontece que, na história grandes realizações começaram por pequenas intuições iluminadas, mas que precisaram de mentes persistentes e até meio obstinadas. Quem pensou o projeto da Rede de Emissoras comprometidas com os valores da Amazônia tinha fé na possibilidade de florescer, mesmo que parecesse quase impossível. Era preciso sonhar junto com outros. Foi o que aconteceu. A ideia viajou a Parintins, no Amazonas, de lá foi a Manaus. Em ambas as cidades, as emissoras, Alvorada e Rio Mar, aceitaram contentes a ideia, e se dispuseram a entrar na futura rede, depois de discutirmos juntos a construção dela.

Em 2004 com apoio financeiro de Adveniat, da Alemanha que acreditou na proposta foi realizado o primeiro seminário sobre a construção da rede de emissoras. Reuniram-se em Manaus, sete representantes de emissoras da Amazônia (Rio Mar de Manaus, Educadora de Tefé, Educadora de Coari, Rádio Guajaramirim, Rural de Santarém, Rádio Nazaré de Belém e Rádio comunitária de Borba) que discutiram a importância, viabilidade e abrangência da futura rede. Foi grande o entusiasmo. Marcou-se outro seminário para aprofundar a discussão e a construção da que passou a ser chamada já a partir daí, de Rede de Notícias da Amazônia, RNA. No seminário seguinte já não quis mais participar o coordenador da Rádio Guajarámirim, mas entrou a Rádio Monte Roraima, de Boa Vista e a Rádio Educativa de Abaetetuba, PA. Um pouco mais tarde entrou a Rádio Educadora de Bragança, PA.

O relatório histórico do site ainda diz que, no mesmo ano de 2004 o sonhador padre Edilberto Sena<sup>11</sup> teve um encontro por acaso, com o consultor de comunicação das Dioceses da Alemanha, Christoph Dietz, da CAMECO, em Archen.

---

meio rural e cidades vizinhas da região. Hoje a Rádio Rural continua primando pela eficiência e eficácia de sua missão e de seu objetivo relacionado à educação e à evangelização. Ao longo dos anos, foram criados programas específicos direcionados aos movimentos populares, à questão de gênero, aos jovens e às crianças, às famílias, às comunidades, à defesa do meio ambiente, à cultural local. Parcerias importantes foram firmadas para colocar no ar a programação da Rádio Rural. Órgãos governamentais, não-governamentais, movimentos eclesiais, pastorais da igreja, paróquias e congregações fazem parte do grupo de parceiros da emissora que apostam numa programação comprometida com a formação ética e cidadão. **A Rádio Rural está localizada na Av. São Sebastião, 622-A. Centro CEP: 68005-090 – Santarém – PA. Em 2004**, estava ampliando seu alcance de 10 para 25 quilos de potência em OM, mantendo o transmissor de 10 quilos em OT já fazia isto na tentativa de servir a um milhão de possíveis ouvintes do Oeste do Pará. Ao mesmo tempo, a direção da Rádio Rural sabia que em toda a Amazônia dezenas de outras emissoras estavam espalhadas, isoladas, fazendo seu trabalho em seus cantinhos, uma sem saber o que ocorria nas áreas das outras.

<sup>11</sup> Edilberto Sena, padre da Diocese de Santarém-PA, coordenador geral da Rádio Emissora de Educação Rural Santarém Ltda e da Rede de Notícias da Amazônia.

Padre Sena, logo que este ouviu falar do sonho, se entusiasmou e afirmou que essa é uma ideia moderna, extremamente importante para a Amazônia. O mundo hoje trabalha na comunicação, para agir em redes de informação. O que falta é uma rede que tenha uma linha diretriz que dê rumo à defesa dos mais oprimidos da terra, aos valores éticos e à democratização. Dietz se comprometeu logo em apoiar o projeto, mas advertia que o maior desafio seria o grupo de comunicadores das emissoras provarem que seriam capazes de realizar o sonho.

Já em 2005, como indicação de Christoph Dietz, dois colegas da Rádio Rural foram a Quito, no Equador (Francimar Farias e Pe. Edilberto Sena), participar de uma assembléia da Associação Latino americana de Educação Radiofônica - ALER. Convidados, participaram da assembleia e puderam expor o projeto da RNA e foram bem acolhidos. Foram levados a sério que ALER ofereceu grátis um espaço no seu canal de satélite para as transmissões dos programas que a RNA viesse a produzir. Grande passo foi dado.

Outros seminários e oficinas de capacitação foram sendo realizados em Santarém, Belém e Manaus, agora sempre orientados pelo experiente consultor, Dietz de Cameco, padrinho do projeto. Ele mesmo visitou as emissoras, Rio Mar de Manaus, Alvorada de Parintins, Rural de Santarém e Nazaré, de Belém. Já em 2006 faziam parte do projeto, além das emissoras mencionadas, a Rádio Monte Roraima de Boa Vista, RR, a Rádio Educadora de Tefé, AM, a Rádio Educativa de Abaetetuba, PA, e Rádio Educadora de Bragança, PA. Manifestou interesse em participar, embora não tenha ainda participado, a Rádio Verdes Florestas de Cruzeiro do Sul, AC. Mostraram interesse em fazer parte da RNA as rádios comunitárias de Itaituba e Curuai, PA, de Borba, AM e uma pequena rádio de um bairro de Manaus.

Entre julho de 2007 e abril de 2008, quatro emissoras sócias (Bragança, Abaetetuba, Belém e Tefé) deixaram de se corresponder com a cabeça de rede, num sinal de desânimo. Em março de 2008 o coordenador da RNA (Pe. Edilberto Sena) foi até Quito para um seminário com os colegas dos países sócios do projeto RIAR para assumir as responsabilidades de realizar o projeto. A coordenação de ALER alertou o coordenador da RNA que este projeto seria prioridade naquele ano para Aler, com apoio financeiro e tecnológico, porque RNA deveria ser o modelo para os outros países de RIAR, mas precisava de uma gestão mais definida, além do coordenador. Foi então, que se escolheu Joelma Viana, funcionária da Rádio Rural (cabeça de Rede) para gerir o projeto.

No período de 25 a 29 de abril de 2008 aconteceu um seminário, em Santarém, com 23 participantes de cinco das emissoras sócias da RNA em Santarém: Rádios Alvorada de



Parintins, Rio Mar de Manaus, Boa Vista – Roraima, Rádio Educadora de Coari e Rádio Rural de Santarém. Neste seminário nasceu finalmente a criança, Rede de Notícias da Amazônia.

Atualmente a RNA ampliou o Jornal Amazônia é Notícia<sup>12</sup> de 15min para 30min. O projeto iniciou com cinco emissoras e hoje são 11 em 5 Estados da Amazônia: Rádio Alvorada de Parintins, Rádio Rio Mar de Manaus, Rádio Educadora de Coari, Rádio Educadora de Tefé, Rádio FM Comunitária de São Gabriel da Cachoeira e Rádio Fm Castanho do Careiro (Amazonas); Rádio Verdes Florestas de Cruzeiro no Sul (Acre); Rádio FM Monte Roraima (Boa Vista); Rádio Guajara Mirim (Rondônia); Rádio Nazaré de Belém e Rádio Rural de Santarém (Pará).

Além do Jornal já se produz em Rede um programa de Educação Ambiental "Caminhos da Amazônia"<sup>13</sup> que vai ao ar todos os sábados nas emissoras sócias. A cada sábado uma emissora produz o programa com temáticas que despertem a consciência dos/das ouvintes para a preservação do Meio Ambiente, onde a intenção não é apenas denunciar as ações que estão sendo praticadas contra o bioma amazônico, mas sensibilizar os e as ouvintes de que é necessário fazer algo para mudar a realidade. O programa produz dicas de meio ambiente, entrevistas, músicas e outras informações.

A Rede de Notícias da Amazônia destaca em seu projeto como objetivos:

Ser um instrumento diferenciado de contato entre os povos da Amazônia, com notícias e programas educacionais: cultura, meio ambiente e gênero. Estimular a formação da consciência crítica participativa de todos os ouvintes. Ser instrumento de comunicação democratizada na Amazônia, priorizando o ponto de vista dos lutadores sociais, a partir das fontes fidedignas da informação.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> Em 2009, o Jornal recebeu reconhecimento, sendo considerado pela UNDA/Brasil e CNBB o segundo programa Jornalístico comprometido com a educação e a evangelização. Ficando em segundo lugar com o troféu Microfone de Prata.

<sup>13</sup> O Programa ganhou em 2011 o prêmio Microfone de Prata conferido pela Unda Brasil/ CNBB. "O júri para o prêmio "Microfone de Prata" aconteceu no dia 20, em São Paulo, na sede das Paulinas, com um júri formado, conforme prevê o regulamento, de representantes da Associação Católica de Comunicação, a Signis Brasil, com diretor e produtor de Rádio, ouvintes e um representante da CNBB. Dos 66 inscritos nas categorias Religioso, Jornalismo e Entretenimento, os contemplados foram: vencedor na categoria religioso, "A caminho do Reino", Rádio 9 de julho, arquidiocese de São Paulo (SP), apresentação padre José Renato; categoria jornalismo, "Jornal da Manhã", Rádio Educadora AM, Coronel Fabriciano (MG), apresentação de Roberto Siqueira e categoria entretenimento, "Caminhos da Amazônia", Rede de Notícias da Amazônia – Rádio Rural de Santarém (PA), apresentação Joelma Viana e Anderleia Oliveira". O programa Caminhos da Amazônia é produzido pela Rádio Rural e emissoras integrantes da Rede de Notícias da Amazônia que tem a sede gestora na Rádio Rural de Santarém.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.rededenoticiasdaamazonia.com.br/historia.asp/>. Acesso em 16 mar. 2013.

Ainda traçou como **Missão:** Contribuir para uma sociedade mais humana e cristã, de uma Amazônia respeitada em seu ecossistema, valorizando as culturas originária de seus povos e da sociedade civil. Tendo como **Visão:**

A Amazônia é uma casa onde vivem mais de 20 milhões de seres humanos, entre os quais 120 povos originários, com culturas próprias e direitos inalienáveis, mas também um conjunto de biodiversidade, tudo isso e todos esses merecem respeito.  
<http://www.rededenoticiasdaamazonia.com.br/historia.asp/> acesso  
 16/03/2013

O Manual de Produção da Rede de Notícias da Amazônia define o Amazônia é Notícia como gênero informativo. E determina como o radiojornal deve ser produzido. Para tanto diz:

Reportagem: Matéria específica e de maior fôlego sobre um determinado tema. Pode incluir entrevistas, externas, opinião do repórter, BG, etc. Poderíamos considerar a reportagem como um formato que combina elementos dos gêneros jornalístico e opinativo. É a representação de um fato ou acontecimento enriquecido pela capacidade intelectual, observação atenta, sensibilidade, criatividade e narração fluente do autor. A RNA adota como padrão o tempo médio de suas notícias o OFF um minuto e as sonoras com um minuto e trinta segundos. Os áudios devem ser gravados em menos 10db e sem eco. Sonoras: Em geral as sonoras devem ter entre 10 a 40 segundos 9. Os cortes: quando fizermos cortes é importante deixar uma pausa, para não parecer ter sido feita uma edição abrupta.

O Manual também determina como deve ser a entrevista para o Radiojornal:

Entrevista: É uma conversa entre duas ou mais pessoas tanto em estúdio quanto em externas. É esperada do repórter isenção e objetividade na elaboração das perguntas, bem como na condução da entrevista. Entrevistar não é somente fazer uma pergunta, e esperar uma resposta e juntar a resposta a outra pergunta. É um exercício profissional trabalhoso e ingrato. Esse gênero exige muita intuição, delicadeza, perfeito conhecimento do assunto, do entrevistado, de sua vida, de sua obra.

O Radiojornal faz um rodízio com as emissoras parceiras na produção do editorial e dá a seguinte dica:

O editorial de retrata a opinião da instituição, do veículo. Texto opinativo sobre assuntos nacionais ou internacionais. Também é chamado de jornalismo de opinião. Os editoriais devem ser produzidos, preferencialmente, pelos diretores/as das emissoras. A duração em média **dois minutos e trinta segundos**.

**O programa é veiculado aos sábados e produz dicas de meio ambiente, entrevistas, músicas e outras informações.**

Como a RNA especificamente no Jornal Amazônia é Notícia tem feito cobertura regional e todos os dias, tem matérias enviadas pelas emissoras interligadas . Segundo Joelma VIANA<sup>15</sup>, as pautas diárias do Jornal Amazônia é Notícia são temas voltados para as questões de denúncias de agressões ao ser humano e ao meio ambiente.

Prestar serviço às comunidades da Amazônia, nos campos da informação e formação da consciência crítica, este é o principal objetivo da Rede de Notícias da Amazônia - a RNA, uma associação que atualmente junta 12 emissoras de rádio na região, com pretensão de ampliar este número para cobrir toda a grande região. As 12 emissoras podem

<sup>15</sup> Gestora da RNA, produtora e apresentadora do Jornal Amazônia é Notícia.

hoje alcançar cerca de 5 milhões de ouvintes, num universo de 25 milhões de habitantes que vivem nos seis Estados da Amazônia real brasileira.

Mas ter reconhecimento nacional em classificação com o prêmio microfone de prata da Conferência nacional dos Bispos do Brasil e Signis Brasil, é um sinal de vida importante. Torna-se motivo de estímulo aos produtores e apresentadores dos programas da RNA, que tem sede na Rádio Rural de Santarém, Pará. Há três anos que a RNA vem produzindo um noticiário amazônico de 30 minutos de segunda à sexta feira e um programa de educação ambiental de 30 minutos aos sábados. Todos os programas são gerados nas emissoras sócias e a cabeça de rede, em Santarém junta as informações e devolve a todas as 12 sócias, que transmitem no mesmo horário em suas regiões. Aqui está um diferencial da RNA em relação às outras redes existente no Brasil. Ela não filtra as notícias, mas respeita os acordos feitos em assembléia de diretores e assim, todos os ouvintes dos seis Estados podem saber o que ocorre na Amazônia, além de poder adquirir formação cultural e consciência cidadã.<sup>16</sup>

#### **4 HIDRELÉTRICA BELO MONTE E SUA RELAÇÃO COM A QUESTÃO AMBIENTAL**

O Brasil busca alternativa para resolver seu prolema de fornecimento no setor elétrico e as últimas questões giram em torno da polêmica da construção da usina de Belo Monte na Bacia do Rio Xingu, em sua parte paraense, já dura mais de 20 anos.<sup>17</sup> Os movimentos sociais, entre eles: **Movimento Xingu Vivo para Sempre**<sup>18</sup> e as lideranças indígenas da região são contrários à obra porque consideram que os impactos socioambientais não estão suficientemente dimensionados. Em outubro de 2009, por exemplo, um painel de especialistas debruçou-se sobre o EIA e questionou os estudos e a viabilidade do empreendimento. Um mês antes, em setembro, diversas audiências públicas haviam sido realizadas sob uma saraivada de críticas, especialmente do Ministério Público Estadual, seguido pelos

<sup>16</sup> Justamente o programa “Caminhos da Amazônia” foi premiado com o microfone de Prata, na categoria entretenimento de qualidade a nível nacional. A cada semana uma das emissoras sócias da RNA produz o programa dentro de uma linha comum pedagógica, com músicas temáticas e a partir da realidade regional. Assim, os e as ouvintes podem sentir interesse pelo fato de perceberem suas vidas próximas nos assuntos abordados na RNA. Para os e as produtoras de caminhos da Amazônia, a premiação nacional vem trazer alegria e consciência de que o que fazem tem reconhecimento importante e os convoca a continuarem aperfeiçoando sua produção. (enviado via e-mail pelo padre Edilberto dia 18/07/2013). E tem mais novidades: Estamos em aliança com a Rede de emissoras amazônicas boliviana (enviamos uma notícia em português por semana e eles nos enviam para a RNA uma em espanhol, assim vamos acostumando nossas/os ouvintes a línguas irmãs.

<sup>17</sup> A hidrelétrica de Belo Monte, hoje considerada a maior obra do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do governo federal, vem sendo alvo de intensos debates na região, desde 2009, quando foi apresentado o novo Estudo de Impacto Ambiental (EIA) intensificando-se a partir de fevereiro de 2010, quando o MMA concedeu a licença ambiental prévia para sua construção.

<sup>18</sup> O **Movimento Xingu Vivo para Sempre (MXVPS)** é um coletivo de organizações e movimentos sociais e ambientalistas da região de Altamira e das áreas de influência do projeto da hidrelétrica de Belo Monte, no Pará, que historicamente se opuseram à sua instalação no rio Xingu. Além de contar com o apoio de organizações locais, estaduais, nacionais e internacionais, o **MXVPS** agrega entidades representativas de ribeirinhos, pescadores, trabalhadores e trabalhadoras rurais, indígenas, moradores de Altamira, atingidos por barragens, movimentos de mulheres e organizações religiosas e ecumênicas.

movimentos sociais, que apontava problemas em sua forma de realização. A Funai liberou a obra sem saber exatamente que impactos causariam sobre os índios. Para culminar, em fevereiro de 2010, o Ministério do Meio Ambiente concedeu a licença ambiental, também sem esclarecer questões centrais em relação aos impactos socioambientais. Em abril de 2010, o governo realizou o leilão da usina, apesar das várias ações na justiça contrárias à realização.

Uma reportagem da Folha de São Paulo diz que há um novo estudo publicado por pesquisadores brasileiros e americanos que mostra que usinas na bacia do rio Xingu tendem a ser menos eficazes se a região em torno sofrer grandes índices de desmatamento.

Sem floresta, costumava-se pensar, não haveria grande problema. Afinal, as árvores consomem a água que é essencial para as usinas e que iria parar nos rios que alimentam os reservatórios. Mas parece que não é bem assim. A relação entre as florestas e a chuva é dinâmica: as árvores liberam vapor d'água, aumentando a precipitação. Menos árvores, menos água para gerar energia. O artigo está publicado na edição de hoje da revista científica americana "PNAS".<sup>19</sup>

Ainda segundo a reportagem, os autores afirmam que, segundo a atual perspectiva de uma perda de floresta de 40% até 2050, a geração de energia em Belo Monte cairia para apenas 25% do potencial da hidrelétrica.

Como outras fontes de energia, as usinas hidrelétricas apresentam grandes custos sociais e ambientais. Sua confiabilidade como fonte de energia, no entanto, deve levar em consideração a sua dependência nas florestas", escreveram os autores do estudo, coordenado por Britaldo Soares-Filho, da Universidade Federal de Minas Gerais. "Queremos, com esse tipo de estudo, valorizar os serviços que a floresta provê", diz Soares-Filho. Isto é, a floresta tem um potencial econômico de certo modo oculto.<sup>20</sup>

As críticas são também direcionadas a Fundação Nacional do Índio (Funai) que liberou em 2009 a obra sem saber exatamente que impactos causariam sobre os índios<sup>21</sup>. Para completar a polêmica, em fevereiro de 2010, o Ministério do Meio Ambiente concedeu a licença ambiental, também sem esclarecer questões centrais em relação aos impactos socioambientais. Em abril de 2010, o governo realizou o leilão da usina, apesar das várias ações na justiça contrárias à realização.

<sup>19</sup> Desmatamento pode reduzir capacidade da usina de Belo Monte, diz estudo, **Folha de São Paulo**, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2013/05/1278086-desmatamento-pode-reduzir-capacidade-da-usina-de-belo-monte-diz-estudo.shtml>. Acesso em 10 jul. 2013.

<sup>20</sup> Desmatamento pode reduzir capacidade da usina de Belo Monte, diz estudo, **Folha de São Paulo**, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2013/05/1278086-desmatamento-pode-reduzir-capacidade-da-usina-de-belo-monte-diz-estudo.shtml>. Acesso em 10 jul. 2013.

<sup>21</sup> Lideranças indígenas kayapó enviaram carta ao Presidente Lula na qual diziam que caso a obra fosse iniciada haveria guerra

Mas, afinal, quais as vantagens e desvantagens de Belo Monte? A revista Super Abril da edição de dezembro de 2011, tem alguns argumentos sobre as vantagens e desvantagens da Usina.

Quando ela entrar em operação deverá fornecer eletricidade para a média de 60 milhões de pessoas, mas a grande discussão se dá pelo fato da mesma ser localizada em plena Floresta Amazônica e não tem como não causar problemas ambientais. Então, é necessário ser analisado os pontos contra e a favor da terceira maior usina do planeta.

Segundo Tiago Cordeiro, Alexandre Versignassi, Renata Steffen e Horácio Gama,

A maior vantagem é óbvia: mais eletricidade. O consumo de energia sobe junto com o do PIB. Em 2010 foram 7,5% de crescimento no Produto Interno Bruto e 7,8% no do consumo de eletricidade. Sem energia, o país não cresce. E se o país não cresce você tende a perder o emprego - pior do que dormir no escuro... Belo Monte, por esse ponto de vista, é uma necessidade. Mas para alguns é uma atrocidade, já que seu reservatório vai alagar uma área na Amazônia equivalente a 1/3 da cidade de São Paulo, entre outros desequilíbrios ambientais. Por essas, Sting e o cacique Raoni já atacavam Belo Monte em 1989. Na época, a proposta de aproveitar as águas do rio Xingu para gerar energia já era antiga: começou em 1975, no governo Geisel. Em 2011, as obras começaram. E os protestos aumentaram. O Movimento Gota D'Água, em que atores defendem o fim das obras no YouTube, é só o mais recente. O apelo é substituir a usina por fontes de energia eólica e solar. Para quem defende Belo Monte, isso não faz sentido: seria mais caro e menos confiável. A maior certeza é que, até janeiro de 2015, a data marcada para a entrega da usina, muita água vai rolar nesse debate. (SUPER ABRIL, dezembro 2011).

Porém, os argumentos contra pesam muito, apesar das manifestações, as obras estão funcionando em pleno vapor. A revista traz os seguintes destaques: alagamentos, caos social, desmatamento, índios ameaçados:

O lago que alimentará as turbinas de Belo Monte vai ocupar uma área equivalente a 90 mil campos de futebol da bacia do Xingu, que abriga 440 espécies de aves e 259 de mamíferos. 640 km<sup>2</sup> é a extensão da área alagada, que equivale a 1/3 da cidade de São Paulo. A obra vai obrigar a realocação de 5 988 famílias. Além disso, milhares de migrantes serão atraídos para a região. E as obras de saneamento prometidas para recebê-las estão atrasadas. 20 mil pessoas terão de sair de suas casas. A cidade de Altamira espera 100 mil novos moradores. A população da cidade vai dobrar, e não há infraestrutura para isso. O lago da usina receberá água drenada de outras regiões do rio Xingu para que haja volume suficiente no reservatório. Essa água chegará por meio de um canal com 130 m de espessura e 20 km de extensão. Para a construção do canal, serão removidos 100 milhões de m<sup>3</sup> de floresta, que encheriam 40 mil piscinas olímpicas. Com o canal drenando água, a área do Xingu próxima ao lago terá sua vazão reduzida. São 100 km de rio que, segundo especialistas, podem até secar. Isso pode destruir o modo de vida dos índios que habitam a região e vivem da pesca. 100 km do rio Xingu terão a vazão reduzida. 952 índios serão afetados. (SUPER ABRIL, dezembro 2011).

No entanto, nem tudo só tem argumentos contra e por isso, apresenta o favorável, entre eles: energia barata, motor para o PIB, desenvolvimento e um excelente índice de capacidade na produção:

Mil chuveiros ligados por uma hora dão um megawatt-hora (MWh). Em Belo Monte, 1 MWh custará R\$ 22. Essa energia tirada de uma usina eólica custaria R\$ 99. De uma solar, quase R\$ 200. **Para igualar a produção de Belo Monte, seriam necessários:** 19 termelétricas, 17 usinas nucleares iguais a Angra II, 3 700 torres de energia eólica, 49,9 milhões de placas de energia solar. O Brasil precisa de mais energia. A demanda no país, segundo a Agência Internacional de Energia, deve crescer 2,2% ao ano entre 2009 e 2035. Mais do que a média mundial, de 1,3%, e até do que a China, de 2%. Crescimento de consumo de energia elétrica em 2010 - 7,8%. Neste ritmo, o Brasil precisaria dobrar sua capacidade de geração de energia a cada 12 anos. As cidades próximas às usinas enriquecem - foi o que aconteceu com a região de Tucuruí, também no Pará, onde desde 1984 está a primeira grande hidrelétrica da Amazônia, inaugurada em 1984. Serão criados 40 MIL empregos diretos e indiretos. Os investimentos do governo em saúde, educação e infraestrutura chegarão a R\$ 4 bilhões isso dá 7 vezes o PIB de Altamira. A área alagada de 640 km<sup>2</sup> é pequena. Tucuruí ocupa 2 850 km<sup>2</sup>. Itaipu, 1 350. Também criticam o fato de que a usina vai operar a 42% de sua capacidade, em média. Mas é o normal, por causa das estiagens. E mais eficiente do que lá fora: **Média da capacidade de operação:** ESPANHA - 21%; FRANÇA - 35%; BELO MONTE - 42%; EUA - 46% e BRASIL - 50%. (SUPER ABRIL, dezembro 2011).

## 5 PRÓXIMOS PASSOS

Apresentaremos um esboço teórico, com definições que servirão de suporte na contribuição do desenvolvimento desta pesquisa. Diante do exposto, conforme Beltrão (2004), não podemos deixar de relatar que as fronteiras entre a função jornalística no Rádio e a de mobilização social nem sempre estão afinadas:

Comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea – sociedade composta de uma imensa variedade de grupos, que vivem separados uns dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferença de origens étnicas e pela própria distância social e espacial. (BELTRÃO, 2004, p. 27).

Peruzzo discute o direito à comunicação como um direito à cidadania, reconhecendo que os movimentos populares foram agregados às suas históricas lutas pela conquista de direitos sociais e políticos “a busca do acesso aos meios de comunicação como direito de exercer a liberdade de expressão tanto em nível individual como coletivo” (PERUZZO, 2004, p.50). E ainda afirma: “No seu processo de constituição, descobriram a necessidade de apropriação pública de técnicas (de produção jornalística, radiofônica, estratégia de relacionamento público, etc) e de tecnologias de comunicação (instrumentos para transmissão e recepção de conteúdos).” (PERUZZO, 2004, p. 50)

Pensar num novo rumo do jornalismo na perspectiva de contribuir na sustentabilidade, as notícias devem apontar medidas de como o cidadão deve colaborar:

Não basta denunciar o que está errado. Isso é importante, mas não é o suficiente. O que se espera da mídia nesse início de século XXI é a capacidade de sinalizar rumo e perspectiva, mostrar quais seriam as soluções inteligentes e sustentáveis para velhos problemas inerentes a um modelo desenvolvimento “ecologicamente predatório, socialmente perverso e politicamente injusto”. (TRIGUEIRO, 2006, p. 1).

Como alternativas práticas, propomos inicialmente realizar uma pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica, visando uma melhor compreensão do estudo proposto. O segundo passo constará da pesquisa de campo onde faremos inicialmente uma visita em “in loco” na cidade de Altamira- Pará, cidade em que a Hidrelétrica de Belo Monte está sendo construída, bem como ir à cidade de Santarém - do Pará, colher informações detalhadas do projeto da RNA e ter acesso aos arquivos dos programas radiofônicos veiculados de maio de 2009 à maio de 2014. É a Rádio Rural de Santarém no Pará que retransmite para as outras emissoras em rede. Ela está localizada em uma região de constantes conflitos entre pequenos agricultores e grandes plantadores de soja, atualmente nessa cidade está sendo discutida também a construção da hidrelétrica de Tapajós.

Pretendemos utilizar a entrevista em profundidade, uma vez que a entrevista há muito tempo já é técnica clássica para obtenção de informações. A entrevista em profundidade é definida como bastante útil porque na maioria das vezes é mais importante saber como e por que as coisas acontecem do que obter a precisão sobre o que está acontecendo. Como técnica de pesquisa, exige elaboração de métodos específicos como definir critérios de seleção das fontes e usar adequadamente as informações como forma de validar os resultados.

A flexibilidade de o entrevistador ajustar as perguntas ao contexto, e de o informante definir os termos da resposta, são apontadas como as principais qualidades da entrevista. E, portanto, na pesquisa qualitativa, os dados não são apenas colhidos, mas resultam em interpretação e reconstrução pelo pesquisador.

De acordo com Jorge Duarte (2005), as entrevistas em profundidades, muitas vezes, despertam grande interesse, porque raramente as pessoas têm oportunidade de falar abertamente sobre suas experiências, opiniões e percepções sobre determinado assunto. Além de permitir ao informante escolher local e horário é uma maneira de fazê-lo sentir-se importante para o trabalho. É fundamental, ainda, identificar e minimizar fatores que possam causar distorções nas informações, o fato de o pesquisador influenciar o mínimo possível nas respostas é uma maneira de se evitar essas distorções. A técnica da entrevista em

profundidade em pesquisas permite ao analista, além de gerar críticas e sugestões sobre o tema de estudo, fazer parte de um rico processo de aprendizagem a cada trabalho realizado. Portanto, a entrevista em profundidade será utilizada nesse estudo como forma de buscar coletar informações com os idealizadores do projeto RNA, os radialistas e ouvintes das respectivas emissoras.

A pesquisa empírica (DEMO, 2000) constitui o cerne do processo de construção do conhecimento. Pesquisar, porém, só é possível um “recorte” da realidade, a fim de que se possa proceder à construção de um objeto de estudo, que deve ser abordado na perspectiva de um corpo teórico específico. Assim, podemos optar em trabalhar simultaneamente com o método Qualitativo. Na abordagem metodológica qualitativa, as entrevistas permitirão captar como e de que forma o público alvo espera ser mais informado das notícias de sua região através da RNA. Os depoimentos podem ser relatados e analisados referentes às questões no que diz respeito ao interesse e a motivação por eles apresentados.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Thales de. **Ecológicas manhãs de sábado**: o espetáculo da natureza na televisão brasileira. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998.
- BACCHETTA, Víctor L. **Ciudadania planetaria**: temas y desafíos del periodismo ambiental. Federación Internacional de Periodistas Ambientales/Fundación Friedrich Ebert, 2000.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UMEP, 2004.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente**: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito**. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007b. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/viewFile/11897/8391>. Acesso 06 set. 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- COSTA, Luciana Miranda. **Comunicação & Meio Ambiente**: a análise das campanhas de prevenção a incêndios florestais na Amazônia. Belém/PA: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFGA, 2006.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 4 ed., Campinas: Autores Associados, 2000.
- DENCKER, Ada de Freitas e KUNSCH, Margarida M. Krohling (Orgs.). **Comunicação e Meio Ambiente**. São Paulo: Intercom, 1996.
- DESMATAMENTO pode reduzir capacidade da usina de Belo Monte, diz estudo, **Folha de São Paulo**, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2013/05/1278086->



desmatamento-pode-reduzir-capacidade-da-usina-de-belo-monte-diz-estudo.shtml. Acesso em 10 jul. 2013.

DUARTE, Jorge & BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas da Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

GARCIA, Ricardo. **Sobre a Terra**: um guia para quem lê e escreve sobre meio ambiente. Lisboa/Portugal: Público Comunicação Social, 2006.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, Schirley. **Jornalismo, meio ambiente e Amazônia**: os desmatamentos nos jornais O Liberal do Pará e A Crítica do Amazonas. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

MACQUAIL, Denis. **Teoria da Comunicação de Massas**. Lisboa: Fundação Calouste Glibenkian, 2003.

MATTOZO, Vânia e CAMARGO, C. Celso de. **Brasil. Energia, ambiente & mídia**: qual é a questão? Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

NELSON, Peter. **Dez dicas práticas para reportagens sobre o meio ambiente**. Brasília: WWF/CFJ, 1994.

ORTIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 4ª Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PASSOS, Deusa Maria de Souza-Pinheiro. **Linguagem, política e ecologia**: uma análise do discurso de Partidos Verdes. Campinas: Pontes, 2006.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (org). **Comunicação Pública**. Campinas: Alínea, 2004.

PINHEIRO DO NASCIMENTO, Elimar e VIANNA, João Nildo de Souza (Orgs.). **Economia, meio ambiente e comunicação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

RABELO, Desirée Cipriano. **Comunicação e mobilização na Agenda 21 local**. Vitória/ES: EDUFES/FACITEC, 2003.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio ambiente e meios de comunicação**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1995.

REDE de Notícias da Amazônia. Disponível em: <http://www.rededenoticiasdaamazonia.com.br>. Acesso em 13 jul. 2013.

SUPER ABRIL. Dezembro de 2009. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ecologia/quais-sao-vantagens-desvantagens-belo-monte-667389.shtml>. Acesso em 08 jul. 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são – Vol I. Insular: Florianópolis, 2005, 2 ed. 224 p.

TRIGUEIRO, André. **Artigo: Quando o Mundo Sustentável é Notícia**: <http://www.mundosustentavel.com.br/2006/05/quando-o-mundo-sustentavel-e-noticia/> Acessado em 26/07/2011.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

XINGUVIVO. Disponível em: <http://www.xinguvivo.org.br/2010/10/14/historico/> Acesso 13 jul. 2013.